

“O diálogo das diferenças” – estudos sobre a linguagem

Luiz Costa Pereira Junior¹

Resumo: (dos editores) Neste número e no próximo, antecipamos a “Apresentação” e alguns estudos do monumental livro ainda inédito “O Sopro vital” de Luiz Costa, um dos mais notáveis linguistas em língua portuguesa. O livro consta de cerca de 500 pequenos estudos nos quais o autor repropõe os mais variados *insights* de outros autores e de sua própria lavra sobre as línguas e a linguagem.

Palavras Chave: linguagem. línguas. visão de mundo. antropologia.

Abstract: In this and in the next issue the editors are honoured to present the Preface and some studies of the coming soon book “O Sopro vital” by Luiz Costa on language and anthropology.

Keywords: language. anthropology. Weltanschauung.

Introdução: a apresentação do livro

A atual Babel mundial vive divórcio compulsório. Os últimos séculos continentalizaram o contato entre as culturas, tanto quanto iluminaram o que as distancia. Ardem as chagas da vivência que fazem da diferença a chaga intolerável: ignorância, xenofobia, fanatismo, racismo mútuo, desigualdade, misoginia, homofobia, crise de fronteiras, proteção à rede de privilégios das elites, obediência irrefletida, batalhas étnicas, idolatria do mercado sobre tudo e sobre todos.

Juntas, essas chagas formam um sistema de pensamento sem que uma chaga precise da companhia de todas as demais para o conjunto produzir seus efeitos, como age uma unida família de parentes que não se toleram. Tal sistema permite escolhas estratégicas sem que seja necessário ocupar todos os espaços, sem ser preciso selecionar todos os elementos disponíveis em sua loja de desumanidades legitimadas ou de falta de transcendência. Seus apelos nem necessitam invadir todos os poros e veias em que podem frutificar porque se acomodam às possibilidades abertas pelo obscurantismo do momento.

Esse macrossistema nocivo à coexistência deve ser combatido, ferido, esvaziado.

A resistência provavelmente não virá da metanarrativa totalizante e homogênea, o próximo esquerdismo, feminismo, liberalismo ou qualquer [-ismo] progressista. Se vier, é possível que seja tão bem sucedida quanto mais orgânica; epidérmica porque de alguma forma poeticamente incorporada; pessoal e instintiva quando já cultural; uma guerrilha contra os lugares comuns da linguagem. Pois sempre há outras formas de encarar diferenças sem a blindagem contra o contato, esse soro de pureza, retidão e horror.

Num mundo que é linguagem, nem é difícil constatar isso.

¹. Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da USP. Fundador e diretor da revista “Língua Portuguesa” da Editora Segmento.

Confrontadas, muitas distinções entre idiomas refletem o horizonte de possibilidades da mesma preocupação humana – e elas são lembretes úteis. Em áreas inteiras do vocabulário, da semântica e da sintaxe, as culturas afirmam a si mesmas enquanto se completam quando parecem confrontar-se.

Sentida diferentemente, diversamente nomeada, a experiência humana pode ser em muito parecida em lugares os mais diversos – a materialidade do mundo oferece níveis parecidos de resistência, apesar de línguas diferentes não só usarem palavras diferentes como dizerem coisas diferentes até quando parecem dizer a mesma coisa. De fato, não há lei de tradução que apague o resíduo de cada linguagem, a contribuição de cada cultura, a sintonia de cada época, as seleções prévias que deixaram traços em nossas interações e revelam as misturas em cuja unidade nos reconhecemos.

O efeito a longo prazo pode estar no murmúrio de séculos de conversação, contatos mútuos e exercícios sociais diários. Pois a linguagem não é só, como sugere Jurgen Habermas, o repertório de condições que capacita a pessoa a interpretar e a agir ante o que ocorre em sua comunidade. Ela se torna esse repertório ao mesmo tempo em que não se reduz a ele. Em parte porque o mesmo movimento que nos capacita a interagir cria a memória coletiva dos momentos em que a realidade prosaica foi cortada por um *insight*, um fato revelador ou admirável que sobrevive muito depois de sua efervescência (Jean Lauand).

Tudo o que se pode almejar sobre o esclarecimento e a profundidade dos fatos está na revelação desses *insights*. Não há acesso a uma verdade fundamental das coisas, só às experiências humanas que se sedimentaram na superfície da vida, nas práticas cotidianas e na linguagem (Josef Pieper). Tais experiências, formadas por percepções imemoriais ou momentos marcantes da cultura, contêm significados que se perderam, transformados por sucessivas e seculares alienações coletivas. Concepções de época, juízos de valor e limitações da realidade estão encobertos em fenômenos que não exibem rastros, em conceitos abstratos, vocábulos insuspeitos e realidades que parecem existir desde sempre.

A língua é o grande reservatório da experiência, mas também não é só isso. Ela é o acervo produzido pelo desempenho humano ao interagir, as convenções criadas nas formas de expressão cultural e a história das interpretações de seus inúmeros textos (Umberto Eco). Estruturações do discurso não são formas vazias, traduzem motivações e contingências, refletem experiências arraigadas que compõem a imagem que fazemos de nós, de nossas capacidades e ações.

A linguagem, voz sem dono, dona da voz, é nossa pedra de toque.

Ela é a moldura que tantas vezes se revela conteúdo do quadro.

Toda língua preenche os poros do ecossistema em que a identidade cultural é construída. Mas toda língua é árvore que ramifica, produz frutos em diferentes territórios, criando suas próprias demandas por onde se instala. Ainda não sabemos se o fato de alguém ser nativo de um idioma signifique só a absorção de um contexto acidental ou a incorporação da estrutura lógica da civilização que o antecipou. Mas não há porque acreditar que estejamos na prisão perpétua de qualquer uma dessas possibilidades. Pois ser de uma língua não é estar fadado a ser orientado por ela, mas a transformá-la na interação.

Em sua parte suculenta, a linguagem é interação, não simples mediação entre o pensamento, o mundo e o ser. Ela não é mero instrumento para expressar o que se pensa.

A linguagem é usada para comunicação, obviamente, mas tudo o que fazemos também o é: nosso visual, penteado, sorriso, até a maneira de andar. A língua propriamente dita passa mais tempo na mente do que na comunicação (Ataliba de Castilho). Sonhamos em nosso idioma e Platão já dizia que pensar é o diálogo silencioso de si consigo mesmo. Não pensamos primeiro e então expressamos o que foi pensado, mas pensamos ao nos expressar. Pensamos porque somos linguagem. Fora dela, o pensamento seria tão indiferenciado que não se realizaria (José Luiz Fiorin). Toda língua age na mente em pedaços, com fragmentos paralelos, simultâneos e sobrepostos: nosso discurso interior é composto de fragmentos do discurso externo que foram internalizados (Noam Chomsky).

Se quisessem viver e sobreviver, os hominídeos do Paleolítico perceberam que deveriam emitir ruídos particulares em resposta a sons específicos de outros hominídeos. Gostamos de pensar que substituímos essa dinâmica acidental e aleatória, acaso comunicativo de tentativa e erro, por um sistema de descrição lógico a fazer correspondências com o mundo e o eu. A capacidade gramatical é uma estrutura interna à mente, inata, mas muitos fatos gramaticais se consolidam pelo método dos hominídeos, mais do que por ideais sistêmicos. O mero saber partilhado da língua (o sistema) não garante compreensão mútua (Richard Rorty). A estrutura comum nunca é tão evidente e constante para que a pessoa simplesmente a decore, domine e aplique aos casos. Ao menos não como a tradição gostaria, como se a língua fosse a estrutura a que basta conhecer os dados constitutivos e os envolvidos jogassem a mesma partida, com as mesmas regras e distâncias entre os jogadores (Rorty, again). Mudanças no idioma parecem derivar de contínuas inferências, não da necessidade de adequação ao não linguístico (o mundo, o eu) ou de derivas previsíveis: há distintos repertórios de saberes e distintas necessidades de negociação de sentidos.

Mas habitamos um terreno baldio de incertezas e disputas por hegemonia conceitual. Se há quem acredite que os fenômenos são interpretados segundo o idioma, há mais gente que defende o oposto, que diferenças linguísticas se subordinam às distintas concepções de mundo. Nem tanto ao mar, nem à terra.

Uma coisa é dizer que a linguagem determina o comportamento, o pensamento ou a ação, afirmação carente de evidências. Algo diferente é afirmar que os limites da língua são os limites do mundo.

Uma língua pode ser testada para demonstrar se tem influência no pensamento, se sua ação é subliminar, trajetória comum ou suave aroma do lugar. Mesmo quando comprovados seus efeitos no pensamento, no entanto, eles não deveriam constituir para nós seu maior fascínio. Simplesmente porque não são poucas as vezes em que a linguagem, depósito da memória ou agente da história, ilumina uma realidade demasiado humana. Somos o que dizemos e dizemos o que somos, mas o verbo “ser” neste “somos” é mais que um mero plural: dizer nos constitui tanto quanto nos faz interpretar e ser interpretados. O verbo “ser” neste “somos” indica não a persona, mas o ângulo que incorporamos da língua em que nascemos e tantas vezes dispensamos porque outros fatores tiveram peso.

Por mais global, niveladora ou multilíngua que seja nossa experiência, nascer nas línguas de nossos pais é assimilar uma vivência, ser preparado para lidar com desafios de um modo e não de outro, é articular a realidade que nos cerca, mas não a todos em todo lugar. Isso não significa que o feitiço atraente de tais limitações seja mais forte que a riqueza de nossas experiências ou a reanimação do pensamento que, em momentos de inércia, se deixou enfeitiçar pela linguagem. Esse feitiço costuma mostrar seus efeitos. Isso deveria ser o ponto de partida, não a dúvida ao final do esforço por entendimento.

É nessa dimensão que se pode dizer, talvez só figurativamente, que a comunidade desfruta concepções que afetam a linguagem que afeta suas concepções. Ou que cada língua denuncia as prioridades de uma cultura. Se esta cultura despreza, não se importa tanto ou não tem o hábito de priorizar uma determinada preocupação, tal preocupação pode não ser iluminada por sua linguagem. Ela pode ser central a outra cultura sem que haja superioridade de uma língua sobre a outra – língua alguma reduz a capacidade de se perceber o que em outra língua se percebe, mesmo quando ambas parecem operar como um filtro.

O diálogo entre línguas é uma forma de estrangeirismo às avessas.

Nossas escolhas definem nossas prioridades, assim como as escolhas feitas antes de nós responderam a limites a que nossos ancestrais tiveram de superar e são por nós reproduzidas mesmo depois que perderam sua utilidade.

Mas quais prioridades? Que escolhas foram feitas que indicam a forma como o ser respondeu à sua realidade, à herança das civilizações que o compuseram, aquilo que o distingue em seus atos de fala? O que nossa relação com a linguagem e a ação dos povos que nos integraram pode contar sobre nós?

Anotação de caderninho: acertar o passo com as linguagens que nos integram.

Porque talvez nem sempre nossas prioridades definam nossas escolhas.

A decisão de nascer

Nascer é ação que todos protagonizamos sem sermos protagonistas.

Em muitos idiomas, “nascer” é verbo passivo (“I was born”; “Ich wurde geboren”; “Je suis né”): a pessoa, afinal, não é o agente da ação.

Construções passivas tornam transitivo um verbo intransitivo. Na contraparte ativa da frase, elementos que teriam função de sujeito (o “eu” em “Eu fui nascido...”) viram objeto direto. Não entre os ibéricos: o português “Eu nasci” e o espanhol “Yo nací” expressam uma ação do sujeito, equivalente a hipotético “I born”, impensável em inglês.

Ocorre que Moçambique, leste da África, não segue a regra da língua portuguesa. Lá é comum dizer, em português: “Eu fui nascido”; “Minha mãe nasceu 3 filhos”.

O país, que Portugal tomou de mercadores árabes e indianos islamizados em 1498, só se tornou independente entre 1974 e 75, e nem assim teve paz. Ele foi consumido por uma guerra civil de dezesseis anos, que só acabou em 1992.

Hoje, Moçambique mantém em português a relação entre povo e Estado.

A língua portuguesa permite que os falantes de bantos distintos se entendam. Ela é falada por 40% da população em áreas urbanas. Por bem menos gente, em outras áreas.

O idioma português convive com mais de vinte línguas de origem banto.

O fraco alcance das escolas e a falta de oportunidade para moçambicanos, em empregos e setores que exigem português, limitaram a formação de um padrão da língua.

Um falante do tsonga não fala o português como um ronga ou um changana.

A transferência (usar traços de língua nativa no idioma de ocupação) é comum.

O changana diz “Eu fui nascido na casa de meu pai”. Dizer de outro modo seria protagonizar uma ação que, no fundo, não é só ou principalmente dele.

“Meus pais nasceram minha irmã” é frase possível na capital Maputo.

Não no Rio de Janeiro ou em Lisboa.

Fontes: Perpétua Gonçalves e Maria João Diniz. *Português no ensino primário – Estratégias e exercícios*. Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação, Maputo, 2004. / Christopher Stroud e Perpétua Gonçalves (orgs.). *Panorama do português oral do Maputo*. Cadernos de Pesquisa 23 e 24. Moçambique: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação, 1993, 2 volumes. / Rita Chaves. *Angola e Moçambique – Experiência colonial e territórios literários*. Ateliê Editorial, Cotia (SP), 2005.

O julgamento das semelhanças

Na Copa Fifa de 1970, a torcida do México adotou o Brasil após sua seleção ser desclassificada.

Quem sofre a saudade daquela seleção brasileira de futebol há de notar, nas gravações mais conhecidas dos jogos da época, a insistência dos câmeras em mostrar o campo, e só timidamente as arquibancadas de alguns jogos. A razão, esclarecida depois, estava nas faixas:

“La porra mexicana saluda la porra brasileña.” (A torcida mexicana saúda a torcida brasileira).

No Brasil, “porra” é um palavrão sinônimo de “cum” em inglês. No México, significa “torcida de futebol”. A associação pode ser risível, mas não disparatada.

O mais antigo registro de “porra” em português é de 1136 e dava nome antes de tudo a uma arma medieval, o bastão de madeira que terminava numa bola de pontas de metal (visível em filmes de cavalaria).

“Porro”, em latim, é o que vai mais longe; adiante, para a frente (daí Isidoro de Sevilha, em *Etimologiae*, entender que “prudência” viria de “porro videns”, aquele que vê adiante). A palavra latina expressa um movimento a partir de seu ponto de partida (“de agora em diante”), daí servir à ideia de uma progressão de raciocínio e ser usada como interjeição para incutir coragem (no sentido de “Vamos!”, “Eia!”).

O paralelo mexicano com torcida faz sentido, portanto. Assim como o design da clava a que o vernáculo português associou o órgão sexual masculino e, mais tarde, a seu produto.

Eventos planetários como a Copa Fifa, de intenso contato entre pessoas de diferentes lugares, são campos férteis a confusões motivadas por falsos cognatos, as

palavras de línguas diferentes casadas na forma ou no som, mas divorciadas no sentido.

Em 13 de julho de 2007, na abertura dos XV Jogos Pan-Americanos, no Estádio Olímpico do Rio de Janeiro, o mexicano Mario Vázquez Raña, presidente da Organização Desportiva Pan-Americana, iniciou seu pronunciamento com uma sentença hiperbólica: “Hoy es una realidad lo que antes no pasaba de ilusión...” (Hoje é uma realidade o que antes não passava de ilusão...).

Para dar gravidade à frase, Raña fez uma pausa dramática após a primeira palavra: “Hoy...”

De imediato, os mais de 90.000 espectadores no estádio responderam, a uma só voz, dando por simpatia o que era só uma tomada de fôlego: “Oooooooooo!!!”

Enganos do gênero passam do anedótico ao constrangedor conforme a audiência e o tamanho da exposição. Mas já virou piada de salão difamar falsos cognatos, até os que nos encantam com a semelhança de vocabulário, sintaxe e fonética entre idiomas.

Aquilo que nos separa deveria ser só o aviso de que precisamos estar atentos ao outro que já está em nós. Mas falsos cognatos passam por mero aviso de que as palavras enganam por contágio ou por contato divertido. Na verdade, eles se tornaram lembretes suaves de que vivemos em sociedades porosas ao estrangeiro mas intolerantes ao outro.

Ufanismo, afinal, é xenofobia por parte de pai e megalomania por parte de mãe.

Em muitos lugares, toma-se como aviltante, por exemplo, a constatação de que o inglês, sendo língua franca desde o império britânico, possa enriquecer o vocabulário alheio, dada a imponência macroeconômica. Ao mesmo tempo, muitos nem ligam e nem sempre porque ávidos em beber de suas tetas. Sua proximidade, no entanto, não deveria ser vista como dano.

Por causa do inglês, um país satélite como o Brasil reativou palavras caídas em desuso no português brasileiro, como “resiliência” (resilience), e ativou outras, por decalque (“disponibilizar”) ou recalibragem de sentidos (“elaborar” na acepção de “alongar-se no raciocínio”, “to elaborate”; “realizar” como “perceber”, “to realize”).

Os brasileiros ampliaram sentidos como o de “salvar” (“to save” não a vítima, mas o arquivo de computador) e ganharam construções sintáticas impensáveis sem o contato (“Vou fazer o meu melhor” é a transposição de “I’ll do my best”).

Tendo grande acervo de palavras do latim, o inglês fez com que muitos no Brasil usassem derivados latinos conforme caprichos semânticos americanos (“deletar”, “to delete”, é um deles).

Sim, o inglês é culpado de tudo isso, absolvido por subserviência econômica ou condenado por colonialismo imperialista quando nem deveria ser julgado, se o contato fosse coisa considerado natural às línguas, às pessoas, ao mundo.

Falsos cognatos, a ideologia, são farsa inofensiva, de que não vemos a trapaça até notar que o vazio que nos separa é olhar o outro como gostaríamos de ver a nós mesmos.

Fonte: Pedro J. Chamizo-Domínguez. *Semantics and pragmatics of false friends*. New York; London: Routledge studies of linguistics 7, Taylor & Francis Group, 2008.

180 graus

A evolução de uma palavra depende de trocas fonéticas e semânticas, de condicionamentos históricos e sociais. Forma, conteúdo, história e vida em comum.

Em séculos ou milênios de uso, palavras mudam de som e forma, mas alterações não menos drásticas ocorrem com o sentido delas.

Um significado muito antigo pode deixar de existir e só o novo sentido permanece. Em alguns casos, há uma guinada de 180 graus, de tal modo que não dá mais para saber se o dito primitivo foi propriamente dito.

Imaginemos a saga vivida em séculos por uma palavra de acepção tão evidente quanto “obeso”. O latim “obesu” significava “fraco”, “delgado”. Magro, enfim.

É uma ironia que aquilo que abria os poros ou os intestinos congestionados, o prosaico “purgante”, fosse chamado pelos médicos latinos da Antiguidade de “aperitivum”. Sim, um trivial petisco, estimulante a um prato principal ou um drinque, recebe o nome daquilo que um dia foi usado em caminho inverso.

Guinada provocada pela semelhança fonética com “appetitus” (“apetite”), vontade de comer ou beber. Aperitivo, que antes só ajudava algo a sair do corpo, passou a ser tudo o que abre o apetite e portanto ajuda a entrar no corpo.

Já “formidável” é herança do latim “formidabile”, originário de “formid” (temor). Até o século XIX tinha a significação de “apavorante”, aquilo que dá medo.

Houve tempo em que “abandonar” era bom sinal, uma distinção até.

A palavra é derivada do francês “laisser à bandon” (deixar em poder de: bann é “poder”, “jurisdição”), que se tornaria o verbo “abandonner” (português “abandonar”, inglês “to ban”, proibir). Do inglês “ban” veio o “banir” português e o “bandon” (poder, autoridade) francês.

A inversão de sentidos torna palpável a aventura das palavras no tempo.

Que experiências remotas se depositam num idioma? Que sinais de vida há em palavras tão banalizadas que suas motivações originais nos escapam?

O que não vemos?

Fonte: Antenor Nascentes. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1932.

Sensações sem palavras

Os órgãos dos sentidos nos pregam peças, aquilo que percebemos não é em si mesmo válido a todos os que também recebem os mesmos estímulos.

A eclosão dos ímpetos explode fora de nós, mas tão importante quanto o limite fisiológico e neurológico (o ponto em que a sensação é fruto do modo como nossos órgãos respondem à realidade) é o peso das tradições culturais e linguísticas.

Nossas flutuações, quando enunciadas, se tornam linguagem, e seguem o ordenamento brutal da expressão humana.

“As sensações únicas são tão únicas que não podem se popularizar”, escreveu o poeta romeno Isidore Isou (1925-2005) em *Introduction a une nouvelle poésie et une nouvelle musique*, em 1947.

“As sensações sem palavras nos dicionários desaparecem.”

Como sei se outros sentem o mesmo que sinto? A psicanálise já demonstrou que é preciso duvidar até se podemos ter certeza do que se passa conosco, quanto mais com os outros.

Se cada pessoa nomear o que sente sem que a palavra faça sentido para ninguém mais além dela, ela será incapaz de usar a palavra para que todos a reconheçam.

Quando usamos a palavra “amor” não deveríamos acreditar como óbvio que ela esteja relacionada ao que se acredita ser “amor”.

Palavras nessa hora parecem mais úteis para afirmar o espanto do simples contra a proximidade do que para servir de descrição confiável.

Não há como saber se, quando alguém se diz apaixonado, não esteja falando de outro afeto, ou de aspectos daquele afeto não destacados por quem escuta a palavra.

Por isso, além de um nome, é preciso dar ao que é sentido por nós uma descrição reconhecível no espectro de possibilidades do conhecimento mútuo.

Talvez seja preciso descrever o “nunca” a partir do “sempre”.

Fonte: Isidore Isou. “Manifesto da poesia letrista”. In: Philadelpho Menezes. *Poesia sonora: poéticas experimentais da voz no século XX*. São Paulo: Educ, 1992: 43-50.

Recebido para publicação em 15-06-19; aceito em 19-07-19